

**INSTITUTO DE PESQUISA APLICADA EM DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO
SUSTENTÁVEL - IPADES**

**O LONGO CAMINHO À COMPREENSÃO E APLICAÇÃO DA ECONOMIA DO
DESENVOLVIMENTO**

“De certo modo, a economia do desenvolvimento de hoje é como a medicina do século XVIII, quando os médicos usavam sanguessugas para drenar sangue de seus pacientes, e muitas vezes aconteciam de eles perecerem no processo de cura”.

Jeffrey Sachs, 2005

Francisco Barbosa

Sócio Presidente – IPADES

A sociedade atual tem como meta principal a busca permanente do desenvolvimento econômico sustentável. Este, sem o adjetivo sustentável, é um fenômeno histórico que passa a ocorrer nos países ou estados-nação que realizaram sua revolução capitalista, e se caracteriza pelo aumento sustentado da produtividade ou da renda por habitante, acompanhado por sistemático processo de acumulação de capital e incorporação de progresso técnico.

Para que a revolução capitalista pudesse se desencadear, a partir do século XI, na Europa, foi necessário que primeiro houvesse uma revolução agrícola que, através do uso de arado com lâmina de ferro, da rotação dos campos de cultivos, da intensificação do uso do adubo orgânico e da carroça de dois eixos, produzisse o excedente econômico necessário para que trabalhadores pudessem ser transferidos para o comércio e a indústria. A partir do século XV inicia-se uma nova revolução, a comercial, que dependeu da tecnologia marítima, para a qual Portugal teve papel importante.

Uma vez iniciado, o desenvolvimento econômico tende a ser relativamente automático ou autossustentado o que não significa dizer que seja equilibrado e que não possa haver retrocesso na medida em que no sistema capitalista os mecanismos de mercado envolvam incentivos para o continuado aumento do estoque de capital e de conhecimentos técnicos, ou não o façam. Porém, as taxas de desenvolvimento não serão iguais para todos, pelo contrário, variarão substancialmente dependendo da capacidade das

sociedades de utilizarem suas instituições, e a principal delas, o mercado, para promover o desenvolvimento.

Para uma melhor compreensão desse processo, busque-se apoio na história econômica. Até a metade do século XVIII, mesmo com as revoluções agrícola e comercial, o mundo era extraordinariamente pobre, considerando-se qualquer um dos padrões atuais. John Maynard Keynes escreveu sobre essa estagnação do progresso econômico humano em seu ensaio: *Possibilidades Econômicas Para Nossos Netos*, escrito em 1930.

Dos primórdios dos tempos de que temos registros, digamos, de dois mil anos antes de Cristo, até o começo do século XVIII, não houve realmente grande mudança no padrão de vida do homem médio que vivia nos centros civilizados da Terra. Altos e baixos, a certeza da visita de pestes, fomes e guerras, intervalos dourados, mas nenhuma mudança violenta progressiva. Alguns períodos foram talvez 50% melhores do que outros no máximo 100% melhor do que outros nos quatro mil anos que terminaram, digamos, no ano 1700 depois de Cristo.

O que mudou? O choque da Revolução Industrial, sustentada por um aumento na produtividade agrícola no noroeste da Europa. A “casualidade” da Inglaterra ter sido o berço dessa revolução é assunto de estudo entre historiadores econômicos que elencam pelo menos seis condições principais para tal feito: 1) a sociedade britânica era relativamente aberta, com mais espaço para a iniciativa individual e a mobilidade social; 2) a Grã-Bretanha havia fortalecido instituições de liberdade política; 3) a Inglaterra se tornara um dos principais centros da revolução científica europeia; 4) a Grã-Bretanha tinha vantagens geográficas cruciais; 5) a Inglaterra era soberana e enfrentava riscos menores de invasão do que seus vizinhos; 6) a Grã-Bretanha tinha carvão e, com a invenção da máquina a vapor, esse mineral libertou a sociedade das restrições energéticas que haviam limitado a escala de produção econômica ao longo de toda a história da humanidade.

Em sua obra seminal de 1776, *A Riqueza das Nações*, Adam Smith se referiu às vantagens naturais da Grã-Bretanha.

A Inglaterra, devido à fertilidade natural de seu solo, à grande extensão de sua costa marítima em proporção ao território de todo o país e aos muitos rios navegáveis que atravessam e possibilitam a conveniência do transporte fluvial a alguns de seus lugares mais interiores, é talvez tão bem dotada pela natureza quanto qualquer país maior da Europa para ser o lugar do comércio exterior, de manufaturas para a venda distante e de todos os melhoramentos que disso decorrem.

Um dos fatores mais importantes para que o desenvolvimento econômico tenha tido continuidade é a transmissão de tecnologias e das ideias que lhes são subjacentes. Mais

importante do que ter carvão, foi à capacidade de utilizar ideias científicas modernas para organizar a produção. A beleza das ideias é que elas podem ser usadas repetidamente, sem jamais se esgotarem. Os economistas as denominam de não rivais, no sentido de que o uso que uma pessoa faz de uma ideia não diminui a capacidade de outras pessoas a usarem também. Por isso, podemos imaginar um mundo em que todos alcancem a prosperidade.

No entanto, para que essa prosperidade se difunda por todos os países, é necessário que a economia do desenvolvimento hoje empregada se modernize. Para tal, pode tomar como parâmetro a medicina moderna, tanto no desenvolvimento da ciência subjacente como na sistematização da prática clínica, ou seja, o ponto em que a ciência é posta em contato com o paciente, aqui entendido como a sociedade a ser desenvolvida ou em desenvolvimento. Isto porque a economia do desenvolvimento ainda se prende à receita macroeconômica, principalmente o aperto do cinto orçamentário para pacientes tão pobres que nem cinto possui. É necessário usar outras ferramentas e procedimentos para que sociedades pobres ou empobrecidas possam superar suas dificuldades. Para tanto, alguns aspectos devem ser considerados.

O primeiro é que o desenvolvimento é um *processo complexo* no qual a falta ou falha na análise das variáveis que o compõe pode levar a muitas falhas adicionais que comprometem o objetivo a ser alcançado. O segundo ponto é que essa complexidade exige um *diagnóstico diferencial*. Por exemplo, a pobreza pode ser causada por muitos fatores diferentes. O primeiro impulso é descobrir qual a causa principal. O terceiro aspecto é que o desenvolvimento *envolve toda a sociedade*, para tratá-lo com êxito é importante compreender o cenário no qual a sociedade está inserida. O quarto aspecto é o *monitoramento e avaliação* o que permite adotar outra abordagem do problema, caso seja necessário, em outras palavras, mudar o tratamento.

No entanto, a prática da economia do desenvolvimento ainda não está à altura dessa tarefa. Os economistas não aprendem a pensar como clínicos e raramente têm oportunidade de experiência clínica em seus estudos avançados. Um estudante de pós-graduação de um programa em países desenvolvidos pode muito bem estudar a crise de desenvolvimento na África ou na América Latina sem jamais pôr os pés no país em estudo. Um orientador pode passar um conjunto de dados e pedir ao aluno que faça uma análise estatística sem o benefício do contexto, da história ou da observação direta. Anos depois, o estudante talvez tenha a oportunidade de visitar esse país pela primeira vez e verá que seu contexto histórico era mais complexo do que os dados com os quais ele trabalhou.

Isto porque tal como acontece com a complexidade do sistema do ser humano no qual a falha em um sistema pode levar a cascata de falhas adicionais complicando a saúde ou a vida do paciente, no estudo do desenvolvimento a história, a geografia, a antropologia, a cultura e a política que envolve a sociedade são sistemas importantes e em muitos casos, decisivos ao avanço ou à estagnação dessa sociedade. Como exemplo, citem-se os exemplos da Bolívia e da Polônia, em suas respectivas crises vividas no final do século passado.

Quando o governo americano pediu que a Bolívia erradicasse as plantações de coca, no final dos anos 1990, o resultado foi o aprofundamento da pobreza rural. Quando o governo reagiu ao crescimento da pobreza rural com programas sociais, a crise se tornou fiscal. Quando a crise fiscal não recebeu ajuda externa, a crise passou a ser desordem civil. Por fim, o governo foi derrubado e a Bolívia entrou em novo período de instabilidade. Detalhe: a Bolívia vinha de um combate exitoso de sua hiperinflação nos anos 1980, debelada por uma política macroeconômica de aumento de seus hidrocarbonetos.

A Polônia ao passar de uma economia centralizada para uma economia de mercado além de adotar a receita macroeconômica teve incluído no seu plano, aspectos subjacentes, mas de importância vital para que não corresse risco à liberdade do povo polonês. Foi o cancelamento da dívida de 30 bilhões de dólares da era soviética, em 50%; e a criação do fundo de um bilhão de dólares para a estabilização da moeda polonesa, o Zloty. O cancelamento da dívida reflete realidades sociais, econômicas, políticas e mais, o compromisso do país praticar políticas econômicas saudáveis. Então, o cancelamento da dívida aumenta a “credibilidade”, em vez de reduzi-la. Afinal, um país bem governado com dívida baixa pode assumir novas dívidas.

Evidencia-se com os exemplos citados que os planejadores do desenvolvimento devem concentrar sua atenção de modo mais efetivo nas causas subjacentes fundamentais da dificuldade econômica e propor soluções para as condições específicas de cada sociedade, em outras palavras, não basta o estudo de laboratório é necessário ir ao campo. A teoria é uma coisa, a prática é outra bem diferente.

BIBLIOGRAFIA

KEYNES, J. M. **The economic possibilities for our grandchildren**. London: Macmillan, 1930.

SACHS, J. **O fim da pobreza**: como acabar com a miséria mundial nos próximos 20 anos. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

SMITH, A. **A Riqueza das nações**: investigação sobre sua natureza e suas causas. São Paulo; Abril Cultural, 1983. Livro III, capítulo IV.